

O LIVRO DE URANTIA

Pág. 1377

DOCUMENTO 125

JESUS EM JERUSALÉM

Nenhum episódio, em toda a movimentada carreira de Jesus na Terra, foi mais atraente e mais humanamente emocionante do que essa que foi a sua primeira visita lembrável a Jerusalém. Ele estava especialmente estimulado pela experiência de comparecer sozinho às discussões no templo, e isso se destacou durante muito tempo na sua memória como o grande acontecimento da sua segunda infância e do começo da sua adolescência. Essa era a sua primeira oportunidade de aproveitar de uns poucos dias de vida independente, da alegria de ir e de vir sem constrangimento nem restrições. Esse breve período de vida sem imposições, durante a semana que veio depois da Páscoa, foi a primeira completamente livre de responsabilidades que ele jamais havia gozado. E muitos anos decorreriam antes que ele tivesse novamente um período livre de todo o senso de responsabilidade, ainda que fosse por um tempo curto.

As mulheres raramente iam à festa de Páscoa em Jerusalém; não lhes era exigido que estivessem presentes. Jesus, entretanto, virtualmente recusou-se a ir, a menos que a sua mãe pudesse acompanhá-los. E quando a sua mãe decidiu ir, muitas outras mulheres de Nazaré foram levadas a fazer a viagem, de modo que o grupo da Páscoa de Nazaré tinha, proporcionalmente ao de homens, o maior número de mulheres a terem ido à Páscoa. De quando em quando, a caminho de Jerusalém, eles cantavam o Salmo 130.

Desde o momento em que deixaram Nazaré, até que tivessem alcançado o monte das Oliveiras, Jesus vivenciou uma longa tensão de expectativa antecipada. E, durante toda uma infância alegre, ele tinha reverentemente ouvido falar de Jerusalém e do seu templo; agora, ele iria em breve contemplá-los na realidade. Do monte das Oliveiras e do lado de fora, em

uma vista de mais perto, o templo era tudo e até mais do que Jesus esperava; mas, tão logo ele entrou nos seus portais sagrados, a grande desilusão começou.

Em companhia dos seus pais Jesus passou pelos recintos do templo, para reunir-se ao grupo de novos filhos da lei que estava para ser consagrado como cidadãos de Israel. Ele ficou um pouco desapontado pelo comportamento geral das multidões no templo, mas o primeiro grande choque do dia veio quando a sua mãe os abandonou no intuito de ir para a galeria das mulheres. Nunca tinha ocorrido a Jesus que a sua mãe não iria acompanhá-lo às cerimônias de consagração, e ele estava profundamente indignado com o fato de ter sido ela levada a sofrer essa discriminação injusta. Enquanto ele ressentia-se fortemente disso, à parte alguns poucos comentários de protesto feitos ao seu pai, ele nada disse. Mas pensou, e pensou profundamente, como exatamente ficou demonstrado quando fez suas perguntas aos escribas e aos professores uma semana mais tarde.

Ele participou dos rituais da consagração, mas ficara decepcionado com a natureza superficial e rotineira deles. Ele perdera aquele interesse pessoal que caracterizava as cerimônias da sinagoga de Nazaré. E então retornou para saudar a sua mãe e preparar-se para acompanhar o seu pai na sua primeira volta pelo

Pág. 1378

templo e suas várias praças, galerias e corredores. Os recintos do templo podiam acomodar mais de duzentos mil adoradores ao mesmo tempo, e a vastidão desses prédios – em comparação com qualquer outro que ele antes tinha visto – impressionou muito a sua mente; no entanto ele ficara mais curioso em observar a significação espiritual das cerimônias e cultos do templo.

Embora muitos dos rituais do templo hajam tocado o seu senso do belo e do simbólico, ele ficara decepcionado sempre com a explicação dos sentidos reais dessas cerimônias, que os seus pais ofereceram em resposta às suas muitas perguntas perspicazes. Jesus simplesmente não aceitava as explicações da adoração e da devoção religiosa que envolviam a crença na ira de Deus ou na braveza atribuída ao Todo-Poderoso. Numa discussão posterior dessas questões, depois de concluírem a visita ao templo, quando o seu pai insistiu com suavidade para que ele declarasse aceitar as crenças ortodoxas judaicas, Jesus voltou-se subitamente para os seus pais e, olhando com apelo dentro dos olhos do seu pai, disse: “Meu pai, não pode ser verdade – o Pai nos céus não pode tratar assim os seus filhos que erram pela Terra. O Pai celeste não pode amar os seus filhos menos do que tu me amas. E eu sei bem, não importa quão pouco sábio seja o que eu possa chegar a fazer, tu não irias jamais derramar a tua ira sobre mim, nem expandir a tua raiva em mim. Se tu, meu pai terreno, possuis esses reflexos humanos do divino, quão mais pleno de bondade não deve ser o Pai celeste e

transbordante de misericórdia. Eu me recuso a acreditar que o meu Pai nos céus me ame menos do que o meu pai na Terra”.

Quando José e Maria ouviram essas palavras vindas do seu primogênito, eles voltaram à paz. E nunca mais novamente procuraram mudar a sua opinião sobre o amor de Deus e a misericórdia do Pai nos céus.

1. JESUS VISITA O TEMPLO

Em todos os lugares em que ia, nos pátios do templo, Jesus ficava chocado e enojado com o clima de irreverência que observava. Considerava a conduta da multidão no templo como sendo inconsistente com a presença deles na “casa do seu Pai”. E o grande choque da sua jovem vida veio quando o seu pai o acompanhou à praça dos gentios, onde se ouvia um jargão espalhafatoso, um vozerio alto, um praguejar, e tudo isso misturado indiscriminadamente aos berros de ovelhas e ao murmúrio ruidoso que denunciava a presença de tomadores de dinheiro e de vendedores de animais para o sacrifício e diversas outras mercadorias comerciais.

Acima de tudo, pois, o seu senso de conveniência sentiu-se ultrajado quando ele viu as cortesãs frívolas circulando nesse recinto do templo, mulheres tão pintadas como as que ele tinha visto recentemente, quando em visita a Séforis. Essa profanação do templo alevantou totalmente a sua jovem indignação, e ele não hesitou em expressar tudo isso livremente a José.

Jesus admirava o sentimento e o serviço do templo, mas estava chocado com a feiúra espiritual que via nas faces de tantos dos adoradores irrefletidos.

Eles passavam agora pela praça dos sacerdotes, abaixo da saliência da rocha, em frente do templo, onde o altar ficava, e observavam a matança de manadas de animais e a lavagem do sangue das mãos dos sacerdotes que oficiavam a chacina, na fonte de bronze. A calçada manchada de sangue, as mãos dos sacerdotes intumescidas de sangue, e os grunhidos dos animais que morriam eram mais do que este jovem amante da natureza podia suportar. A visão terrível deixou doente este jovem de Nazaré; ele agarrou o braço do seu pai e implorou fosse levado embora dali. Eles voltaram pela

praça dos gentios e, mesmo em meio ao riso grosseiro e aos gracejos profanos que eram ouvidos ali, tudo era um alívio para a visão que havia acabado de ter.

José viu como o seu filho ficara enojado ao ver os ritos do templo e sabiamente o levou para ver a “porta da beleza”, a porta artística feita de bronze coríntio. Jesus, todavia, já tinha visto o suficiente para essa sua primeira visita ao templo. Eles voltaram para a praça superior em busca de Maria e caminharam ao ar livre e afastaram-se da multidão durante uma hora, vendo o palácio Asmoneano, a casa governamental de Herodes e a torre dos guardas romanos. Durante essa caminhada, José explicou a Jesus que só aos habitantes de Jerusalém era permitido testemunhar os sacrifícios diários no templo, e que os habitantes da Galiléia vinham três vezes por ano para participar do culto do templo: na Páscoa, na festa de Pentecostes (sete semanas depois da Páscoa) e na Festa de Tabernáculos, em outubro. Essas festas tinham sido instauradas por Moisés. E então eles conversaram sobre essas duas últimas festas estabelecidas, a da consagração e a de Purim. Em seguida foram para os seus alojamentos e se prepararam para a celebração da Páscoa.

2. JESUS E A PÁScoa

Cinco famílias de Nazaré e os seus amigos foram convidados pela família de Simão, da Betânia, para a celebração da Páscoa; Simão havia comprado o cordeiro pascal para todo o grupo. A matança desses cordeiros, em quantidades tão enormes, era o que tinha afetado tanto a Jesus, na sua visita ao templo. O plano, para a Páscoa, era de comer com os parentes de Maria, mas Jesus persuadiu os seus pais a aceitarem o convite para irem a Betânia.

Naquela noite eles reuniram-se para os ritos da Páscoa, comendo a carne tostada com o pão sem levedura e as ervas amargas. A Jesus, sendo ele um novo filho da aliança, lhe foi pedido que contasse sobre a origem da Páscoa, e isso ele fez muito bem, mas deixou os seus pais desconcertados, de uma certa maneira, ao incluir várias observações que refletiam, com suavidade, as impressões causadas na sua mente jovem, mas profunda, pelas coisas que ele havia visto e ouvido tão recentemente. Esse era o começo das cerimônias dos sete dias da festa da Páscoa.

Mesmo ainda tão jovem, Jesus, embora não tivesse dito nada sobre essas questões aos seus pais, havia começado a se perguntar sobre como seria celebrar a Páscoa sem a matança de cordeiros. Ele sentiu-se seguro no seu próprio pensamento de que o Pai no céu não estava contente com esse espetáculo de ofertas de sacrifícios e, com o passar dos anos, ele tornou-se cada vez mais determinado a estabelecer a celebração de uma Páscoa sem sangue, algum dia.

Jesus pouco dormiu naquela noite. O seu descanso foi bastante perturbado por sonhos revoltantes, de matanças e de sofrimentos. A sua mente estava perturbada e o seu coração dilacerado por causa das inconsistências e dos absurdos da teologia de todo o sistema judaico de cerimônias. Os seus pais do mesmo modo dormiram pouco. Eles estavam bastante desconcertados pelos acontecimentos do dia que terminara. Tinham os seus corações completamente perturbados pela atitude determinada e, para eles, estranha do jovem. Maria ficou nervosamente agitada durante a primeira parte da noite, mas José

permaneceu calmo, embora estivesse igualmente intrigado. Ambos temiam falar francamente com o jovem sobre esses problemas, embora Jesus, muito prazerosamente, teria querido conversar com os seus pais, caso eles tivessem ousado encorajá-lo.

Os serviços do dia seguinte, no templo, foram mais aceitáveis para Jesus e em muito colaboraram para aliviar as memórias desagradáveis do dia anterior. Na manhã

Pág. 1380

seguinte o jovem Lázaro tomou Jesus pela mão, e começaram uma exploração sistemática de Jerusalém e dos seus arredores. Antes que o dia tivesse acabado, Jesus descobriu os diversos locais perto do templo nos quais havia conferencistas a ensinar e a responder perguntas; e, à parte umas poucas visitas ao santo dos santos, nas quais ele se perguntara com espanto o que estava realmente por trás do véu da separação, ele passou a maior parte do seu tempo perto do templo, nessas conferências de ensino.

Durante a semana da Páscoa, Jesus se manteve no seu lugar junto com os novos filhos do mandamento, e isso significava que ele devia assentar-se do lado de fora da grade que separava todas as pessoas que não eram cidadãos completos de Israel. Assim, sendo obrigado a tomar consciência da sua juventude, ele absteve-se de fazer as muitas perguntas que iam e vinham na sua mente; ao menos ele se conteve até que as celebrações da Páscoa tivessem chegado ao fim e, pois, com isso, também as restrições aos jovens recém-consagrados ficavam suspensas.

Na quarta-feira da semana da Páscoa, foi permitido a Jesus ir para casa com Lázaro e passar a noite na Betânia. Nessa noite, Lázaro, Marta e Maria ouviram Jesus falar sobre coisas temporais e eternas, humanas e divinas e, daquela noite em diante, todos os três passaram a amá-lo como se fosse um irmão deles.

No fim da semana, Jesus viu menos a Lázaro, pois este não tinha o direito de ser admitido nem no círculo mais externo das discussões do templo, embora fosse a algumas palestras públicas dadas nas praças externas. Lázaro era da mesma idade que Jesus, mas, em Jerusalém, os jovens raramente eram admitidos à consagração dos filhos da lei antes que tivessem treze anos completos de idade.

Durante a semana da Páscoa, os seus pais encontrariam Jesus muitas vezes assentado a sós com as mãos na cabeça jovem, pensando profundamente. Eles nunca o tinham visto comportar-se daquela maneira e estavam sentidamente perplexos, não sabendo o quão confusa estava a sua mente nem quais problemas havia no seu espírito por causa da experiência pela qual ele estava passando; e eles não sabiam o que fazer. Ficaram contentes

com o final da semana da Páscoa, pois almejavam ter de volta em Nazaré, a salvo, aquele filho de atitudes tão estranhas.

Dia após dia, Jesus pensava em todos os questionamentos. Ao final da semana ele tinha feito já muitas adequações; mas, quando chegou a hora de voltar para Nazaré, a sua mente jovem ainda fervilhava de perplexidades e era ainda assaltada por um bando de perguntas não respondidas e questões por resolver.

Antes que tivessem deixado Jerusalém, em companhia do professor de Jesus em Nazaré, José e Maria tomaram as providências definitivas para que Jesus voltasse, quando ele tivesse a idade de quinze anos, para começar o seu longo curso de estudos, em uma das mais conhecidas academias dos rabinos. Jesus acompanhou os seus pais e o seu professor nas visitas à escola, mas eles ficaram aflitos demais ao observarem o quão indiferente ele pareceu a tudo o que disseram e fizeram. Maria estava profundamente atormentada com as suas reações à visita a Jerusalém, e José profundamente perplexo com as observações estranhas do jovem e com a sua conduta inusitada.

Afinal, a semana de Páscoa tinha sido um grande acontecimento na vida de Jesus. Ele desfrutara da oportunidade de encontrar um grande número de rapazes da sua própria idade, companheiros candidatos à consagração, e utilizara desses contatos como meio de aprender sobre o modo de vida do povo na Mesopotâmia, Turquestão e Pártia, tanto quanto nas províncias do extremo oriente de Roma. Ele estava já bastante familiarizado com o modo com o qual os jovens do Egito e de outras regiões perto da Palestina eram criados e cresciam. Havia milhares de meninos em Jerusalém nessa época, e o jovem de Nazaré conheceu pessoalmente, e entrevistara, mais ou menos prolongadamente, mais de cento e cinqüenta deles. Ele estava particularmente interessado naqueles que provinham dos países

Pág. 1381

do extremo ocidente e do oriente mais remoto. Como resultado desses contatos o jovem começou a alimentar um desejo de viajar pelo mundo com o propósito de aprender como os vários grupos dos seus irmãos trabalhavam para viver.

3. A PARTIDA DE JOSÉ E MARIA

Tinha sido arranjado para que o grupo se reencontrasse perto do templo, no primeiro dia da semana seguinte, no meio da manhã, depois que o Festival da Páscoa tivesse terminado. E eles fizeram isso, e iniciaram o retorno a Nazaré. Jesus tinha ido ao templo para ouvir as discussões, enquanto os seus pais esperavam pela reunião dos outros viajantes. Em breve, o grupo preparou-se para partir, os homens indo em um grupo e as mulheres noutra, como era o seu costume ao viajar para os festivais de Jerusalém. Jesus tinha ido para Jerusalém em

companhia da sua mãe e das outras mulheres. E, sendo agora um jovem homem da consagração, supunha-se que ele viajasse de volta para Nazaré em companhia do seu pai e dos outros homens. Mas, tão logo o grupo de Nazaré movimentou-se, na direção da Betânia, Jesus estava completamente absorto na discussão sobre os anjos, no templo, ficando totalmente esquecido de que passara o momento da partida dos seus pais. E ele só percebeu que tinha sido deixado para trás na hora da interrupção das conferências do templo, ao meio-dia.

Os viajantes de Nazaré não sentiram a falta de Jesus porque Maria supunha que ele viajava com os homens, enquanto José pensava que ele viajava com as mulheres, pois tinha vindo a Jerusalém com elas guiando o jumento de Maria. Eles não descobriram a sua ausência senão quando chegaram a Jericó e se prepararam para passar a noite. Depois de perguntarem aos últimos grupos que chegaram a Jericó e, verificando que nenhum deles tinha visto o seu filho, eles passaram uma noite sem dormir, remoendo nas suas mentes o que poderia ter acontecido a ele, relembrando as suas inúmeras reações inusitadas aos acontecimentos da semana da Páscoa e, com suavidade, repreendendo-se um ao outro por não terem feito com que ele estivesse no grupo antes que partissem de Jerusalém.

4. O PRIMEIRO E O SEGUNDO DIA NO TEMPLO

Nesse meio tempo, Jesus tinha permanecido no templo durante a tarde, ouvindo às discussões e desfrutando de uma atmosfera a mais quieta e decorosa, pois as grandes multidões da semana da Páscoa tinham já praticamente desaparecido. Depois da conclusão das discussões da tarde, de uma das quais Jesus participara, ele partiu para a Betânia, chegando exatamente na hora em que a família de Simão fazia-se pronta para tomar a refeição da noite. Os três jovens estavam cheios de alegria de estarem com Jesus e ele permaneceu na casa de Simão naquela noite. Ele pouco conversou durante a noite, passando grande parte do tempo a sós, no jardim, meditando.

Cedo, no dia seguinte, Jesus estava de pé e a caminho do templo. No topo do monte das Oliveiras, ele parou e as lágrimas derramaram-se dos seus olhos por causa da vista que contemplavam – um povo espiritualmente empobrecido, tolhido pelas tradições e vivendo sob a vigilância das legiões romanas. Bem cedo, pela manhã, ele encontrava-se já no templo com a sua mente pronta para tomar parte nas discussões. Enquanto isso, José e Maria também estavam, já bem cedo, de pé e com a intenção de retomar o caminho até Jerusalém. Primeiro, eles se apressaram a ir até a casa dos seus parentes, onde se tinham alojado como uma família durante a semana da Páscoa, mas ficou claro o fato de que ninguém tinha visto Jesus. Depois de procurarem todo o dia e não encontrarem nem um vestígio dele, eles voltaram para a casa dos seus parentes para passarem a noite.

Na segunda conferência, Jesus tinha ousado fazer umas perguntas e, de uma maneira muito surpreendente, ele participara das discussões no templo mas sempre de um modo consistente com a sua juventude. Algumas vezes as suas perguntas incisivas eram um tanto embaraçosas para os doutos professores da lei judaica, mas ele evidenciava um tal espírito de honestidade cândida, combinada a uma fome evidente de conhecimento, que a maioria dos professores do templo se viu disposta a tratá-lo com toda a consideração. Quando, no entanto, ele presumiu perguntar sobre a justiça que seria condenar à morte um gentio bêbado que tinha vagado pelo lado de fora da praça dos gentios e que, inadvertidamente, entrara nos recintos proibidos e reputadamente sagrados do templo, um dos mais intolerantes professores ficou impaciente com as críticas implícitas do jovem e, olhando furiosamente para ele, perguntou quantos anos tinha. Jesus respondeu: “treze anos menos pouco mais de quatro meses”. “Então”, retomava o professor agora irado, “porque estás aqui, desde que não tens a idade de um filho da lei?” E quando Jesus explicou que tinha recebido a consagração durante a Páscoa, e que era um estudante das escolas de Nazaré, que tinha completado os seus estudos, os professores em um acorde único retorquiram com ironia: “Deveríamos ter sabido; ele é de Nazaré”. Mas o líder insistiu que Jesus não devia ser inculcado, se os dirigentes da sinagoga em Nazaré tinham-no graduado, tecnicamente, quando ele tinha doze anos de idade em vez de treze; e, não obstante vários dos seus caluniadores terem levantado e deixado o recinto, a regra era de que o jovem devesse participar sem ser perturbado, como um aluno, nas discussões do templo.

Quando esse seu segundo dia no templo terminou, novamente Jesus foi para a Betânia, passar a noite. E, novamente, ficou no jardim para meditar e orar. Evidentemente a sua mente estivera preocupada na contemplação de problemas graves.

5. O TERCEIRO DIA NO TEMPLO

O terceiro dia de Jesus com os escribas e os professores no templo testemunhou a reunião de muitos espectadores que, tendo ouvido falar desse jovem da Galiléia, vieram para usufruir a experiência de ver um jovem confundir os homens sábios da lei. Simão também veio da Betânia, para ver o que o menino ia fazer. Durante esse dia, José e Maria continuaram a sua procura ansiosa por Jesus, indo mesmo, por várias vezes, até o templo, mas nunca pensando em escrutinar os vários grupos de discussões, embora, houvessem tido a impressão, certa vez, de terem ouvido a voz fascinante dele à distância.

Antes que o dia houvesse terminado, toda a atenção do principal grupo de discussão do templo focalizara-se nas perguntas feitas por Jesus. Entre as suas muitas perguntas ouvira-se:

1. O que realmente existe no santo dos santos, atrás do véu?
2. Por que as mães deviam ser segregadas dos adoradores masculinos do templo?

3. Se Deus é um Pai que ama os seus filhos, por que toda essa matança de animais para ganhar o favor divino – teriam os ensinamentos de Moisés sido mal interpretados?
4. Se o templo é dedicado à adoração do Pai no céu, é coerente permitir a presença daqueles que estão empenhados nas trocas seculares e no comércio?
5. O esperado Messias irá ser um príncipe temporal a assentar-se no trono de Davi, ou irá ele funcionar como a luz da vida para o estabelecimento de um Reino espiritual?

Pág. 1383

E, durante todo o dia, aqueles que o escutaram, maravilharam-se com essas perguntas, e ninguém estava mais atônito do que Simão. Durante mais de quatro horas, esse jovem de Nazaré pressionou os instrutores judeus com perguntas que provocavam o pensamento e que sondavam o coração. Ele fazia poucos comentários sobre as respostas dos mais velhos. E passava o seu ensinamento por meio das perguntas que fazia. Com a frase hábil e sutil de uma pergunta, ao mesmo tempo ele desafiava o ensinamento deles e sugeria o seu próprio. Pelo seu modo de formular uma pergunta havia uma atraente combinação de sagacidade e de humor que o tornavam querido até mesmo por aqueles que mais ou menos se ressentiam da sua juventude. Ele era sempre eminentemente justo e cheio de consideração, pelo modo como fazia as perguntas penetrantes. Nessa tarde memorável, no templo, ele demonstrou aquela mesma relutância em tirar vantagem injusta de um oponente, coisa que caracterizou toda a sua ministração pública subsequente. Enquanto jovem, e mais tarde como um homem, ele parecia estar totalmente isento de todo o desejo egoísta de vencer uma discussão para experimentar meramente um triunfo lógico sobre os seus semelhantes, estando interessado supremamente apenas em uma coisa: em proclamar a verdade perene e assim efetuar uma revelação mais completa do Deus eterno.

Quando o dia terminou, Simão e Jesus dirigiram-se para a Betânia. Durante a maior parte do caminho, o homem e o menino permaneceram em silêncio. De novo parou no cume do monte das Oliveiras, mas enquanto via a cidade e o seu templo Jesus não chorou; apenas inclinou a sua cabeça em uma devoção silenciosa.

Depois da refeição da noite, na Betânia, novamente ele declinou-se de juntar-se ao círculo feliz e em vez disso foi para o jardim, onde se demorou noite adentro, empenhando-se em vão em encontrar algum plano definido de abordagem da questão do trabalho da sua vida e de como decidir o que de melhor fazer para revelar aos seus irmãos, espiritualmente cegos, um conceito mais belo do Pai celeste e, desse modo, libertá-los da sua terrível servidão à lei, ao ritual, ao cerimonial e à tradição obsoleta. Mas a luz clara não veio ao jovem buscador da verdade.

6. O QUARTO DIA NO TEMPLO

Jesus, estranhamente, estava esquecido dos seus pais terrenos; mesmo no desjejum, quando a mãe de Lázaro observou que os seus pais deviam estar em casa naquele momento, Jesus não pareceu compreender que eles deveriam estar de algum modo preocupados por ter ele ficado para trás.

Novamente caminhou até o templo, mas não parou para meditar no topo do monte das Oliveiras. Durante as discussões da manhã, grande parte do tempo foi devotada à lei e aos profetas, e os instrutores ficaram espantados por Jesus estar tão familiarizado com as escrituras em hebreu, quanto em grego. Mas eles estavam mais estupefatos com a sua pouca idade do que com os seus conhecimentos da verdade.

Nas palestras da tarde, mal eles tinham começado a responder a sua pergunta relacionada ao propósito da prece, quando o líder convidou o jovem a adiantar-se e, assentando-se ao seu lado, instou-o a falar sobre a sua própria visão a respeito da prece e da adoração.

Na noite anterior, os pais de Jesus haviam ouvido falar sobre um estranho adolescente que tão primorosamente argumentava com os comentadores da lei, mas não lhes ocorrera que fosse o filho deles. Tinham decidido ir até a casa de Zacarias, pois pensavam que Jesus poderia ter ido até lá para ver Isabel e João. Pensando que Zacarias pudesse talvez estar no templo, pararam lá a caminho da cidade de Judá. E, ao passar pelas praças do

Pág. 1384

templo, imaginai a surpresa deles e o assombro quando reconheceram a voz do jovem desaparecido e viram-no assentado entre os instrutores do templo.

José ficou incapaz de falar, mas Maria deu vazão à sua emoção, há tanto contida, de medo e ansiedade e, correndo até o jovem, agora de pé para saudar os seus pais atônitos, ela disse: “Meu filho, porque nos trataste desse modo? Já faz mais de três dias que o seu pai e eu procuramos desesperadamente por ti. O que te deu para nos abandonar?” Foi um momento tenso. Todos os olhos estavam voltados para Jesus, para ouvir o que ele diria. O seu pai olhou para ele em reprovação, mas sem dizer nada.

Deve ser lembrado que era de se esperar que Jesus fosse já um jovem homem. Ele havia acabado a escola regular de um menino, tinha sido reconhecido como um filho da lei e recebera a consagração como cidadão de Israel. E, ainda assim, a sua mãe, mais do que levemente o repreendera perante todo o povo reunido, bem no meio do esforço mais sério e sublime da sua jovem vida, conduzindo, assim, para um fim inglório uma das maiores

oportunidades que jamais lhe seriam concedidas para atuar como um instrutor da verdade, um pregador da retidão, um revelador do caráter de amor do seu Pai no céu.

Mas o jovem mostrou-se à altura das circunstâncias. Se vós levardes em justa consideração todos os fatores que se combinaram para criar essa situação, estareis mais bem preparados para penetrar a sabedoria da resposta do jovem à censura sem intenção da sua mãe. Depois de pensar por um momento, Jesus respondeu à sua mãe, dizendo: “Por que me procuraste por tanto tempo? Tu devias esperar encontrar-me na casa do meu Pai, já que é chegado o momento no qual eu devo cuidar dos assuntos do meu Pai?”

Todos ficaram surpreendidos com a maneira do jovem falar. Silenciosamente todos se retiraram e deixaram-no de pé sozinho, com os seus pais. Em breve o jovem rapaz aliviou a todos os três de um embaraço ao dizer calmamente: “Venham cá, meus pais, ninguém fez nada senão aquilo que supunha ser o melhor. O nosso Pai nos céus determinou estas coisas; voltemos para a casa”.

E partiram em silêncio, chegando em Jericó para passar a noite. Apenas uma vez pararam, e foi no cume do monte das Oliveiras, quando o jovem levantou o seu bastão para o alto e, agitando o corpo da cabeça aos pés sob a onda de uma intensa emoção, disse: “Ó Jerusalém, Jerusalém, e os seus habitantes, que escravos sois – subservientes ao jugo romano e vítimas das vossas próprias tradições –, mas eu voltarei para purificar o templo e para libertar o meu povo dessa servidão!”

Durante os três dias de viagem a Nazaré, Jesus pouco falou; nem os seus pais disseram muito na sua presença. Eles ficaram realmente sem entender a conduta do seu primogênito; mas guardaram nos seus corações o que ele dissera, ainda que não pudessem compreender plenamente o seu significado.

Ao chegarem em casa, Jesus fez uma breve declaração aos seus pais, assegurando a sua afeição por eles e deixando implícito que não necessitavam temer, pois ele não daria de novo oportunidade para que sofressem ansiedades por causa da sua conduta. E concluiu essa declaração significativa dizendo: “Embora eu deva cumprir a vontade do meu Pai no céu, eu serei também obediente ao meu pai na Terra. Aguardarei a minha hora”.

Embora, na sua mente, por muitas vezes, Jesus fosse recusar a *consentir* nos esforços bem intencionados, mas mal orientados, dos seus pais, não aceitando que eles ditassem o andamento do seu pensamento ou que estabelecessem o plano do seu trabalho na Terra, ainda assim, e de um modo totalmente consistente com a sua dedicação a fazer a vontade do seu Pai do Paraíso, ele *conformou-se*, com toda a graça, aos desejos do seu pai terreno e aos costumes da sua família

na carne. E, mesmo quando não podia consentir, tudo de possível ele faria para conformar-se. Ele era um artista para a questão do ajustamento da sua dedicação ao dever para com as suas obrigações de lealdade à família e de serviço ao semelhante.

José estava confuso, mas Maria, refletindo sobre essas experiências, ficou confortada, finalmente, considerando aquela elocução, no monte das Oliveiras, como sendo profética da missão messiânica do filho dela, como o libertador de Israel. Ela se pôs a trabalhar com energia renovada, para orientar os pensamentos de Jesus nos canais patrióticos e nacionalistas e recorreu aos esforços do seu irmão, o tio favorito de Jesus; e de todos os outros modos a mãe de Jesus dedicou-se à tarefa de preparar o seu primeiro filho para assumir a liderança daqueles que iriam restaurar o trono de Davi e para sempre retirá-lo da servidão política e do jugo dos gentios.